

Carmen Bernabé

MARIA MADALENA

A APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS



INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas escreveram-se muitas obras sobre Maria Madalena; ensaios acadêmicos sérios, mas também muitas obras de ficção com as quais se costumam inundar os expositores das livrarias, sobretudo em certos momentos do ano. Embora algumas sejam de indubitável beleza e qualidade literária, muitas outras contribuem apenas para reforçar as ideias mais difundidas sobre a sua figura, ainda que tenham pretensões de historicidade que rapidamente se descobrem como falsas.

O objetivo deste livro não se centra na reconstrução da figura histórica de Maria Madalena, mas no estudo das suas tradições tal como foram transmitidas e relidas no cristianismo primitivo; ou seja, na forma como se construiu a memória de Maria Madalena nas primeiras gerações do cristianismo e como foi lembrada nos séculos posteriores.

Quem ler este livro não encontrará a reconstrução histórica da vida da mulher a quem chamaram Maria e apodaram «a Madalena», ainda que se possam vislumbrar os persistentes ecos que deixou aquela personalidade histórica que está na origem da tradição recordada e relida em momentos históricos muito diferentes. O ponto de partida deste livro é um

olhar retrospectivo, um exercício de memória sobre a imagem que, em diferentes épocas, se fez da figura histórica de uma mulher que pertenceu ao grupo que sempre acompanhou Jesus de Nazaré; é também um estudo das suas tradições transmitidas pelo cristianismo primitivo; quer dizer, da forma como as primeiras gerações do cristianismo fizeram memória de Maria Madalena e como ela foi lembrada através dos séculos. O objetivo é conhecer não só o seu conteúdo, as mudanças e as razões que puderam existir para as terem feito, mas também as suas consequências, a sua função social e eclesial. Quer-se saber os modos e as razões pelas quais a memória de Maria Madalena parece ter sido importante e decisiva para a identidade e vida das primeiras comunidades, que levaram a cabo a configuração do cristianismo nos seus primeiros momentos. Todavia, também teremos em conta a sua persistência nos tempos posteriores, num processo de recordação e releitura que nunca terminou e que chega até aos nossos dias.

Passaram-se quase três décadas desde a defesa da minha tese de doutoramento, em 1991, reelaborada depois para ser publicada com o título *As tradições de Maria Madalena no cristianismo primitivo* (Estella: Verbo Divino, 1994). Desde então escreveram-se numerosos trabalhos com pontos de vista similares: o estudo da sua figura e das suas tradições nos Evangelhos canónicos e nos escritos extracanónicos. Alguns desses ensaios sublinharam um ou outro daqueles aspetos que então foquei. Outros trabalhos tentaram descobrir os processos comunitários e os conflitos que os textos (e, neles, as releituras da tradição sobre

Maria Madalena) parecem refletir quando lidos em relação uns com os outros e no contexto da emergência e consolidação do cristianismo primitivo.

No momento da elaboração da tese de doutoramento, quando ainda pouco se escrevia sobre esta figura feminina, o meu estudo centrou-se numa análise histórico-crítica dos textos, que levava em conta também o seu fundo tradicional veterotestamentário, e que possivelmente estaria demasiado preocupado com a figura histórica desta seguidora de Jesus de Nazaré. Posteriormente, a minha perspetiva de estudo enriqueceu-se com a utilização das ciências sociais para uma análise exegética, prestando maior atenção à importância do contexto e à situação das comunidades primitivas na hora de receber e transmitir as tradições e elaborar os textos, e considerando a função social dos mesmos. Com tudo isto, a minha aproximação a esta figura aprofundou-se e ampliou-se nas múltiplas ocasiões em que, desde então, voltei a estudar e a escrever sobre ela. Na altura do trabalho da tese de doutoramento, a crítica feminista contemplava-a de forma muito insipiente; no entanto, ao longo destes anos, a perspetiva dos estudos de género, desenvolvidos pela investigação académica, permitiu-me aprofundar a utilização da memória e da figura de Maria Madalena para a construção, crítica ou legitimadora, de certos modelos femininos, bem como da sua função social e política. Creio que tudo isto pode contribuir para que, já fora dos moldes rígidos de uma tese de doutoramento, este livro ofereça uma visão mais interessante, mais legível e mais completa desta figura feminina, fundamental para o

cristianismo das origens e para o de todas as épocas, a julgar pela memória feita e conservada como parte da memória cultural cristã.

O livro divide-se em quatro partes. Na primeira, «Como chegámos aqui?», analisam-se as imagens mais comuns pelas quais foi definida esta mulher ao longo da História, o processo de confusão de algumas delas e a importância de usar uma ou outra. Prostituta arrependida, anacoreta penitente, ou esposa-amante de Jesus, imagens que nasceram em momentos concretos e cumpriram uma função social ou eclesial determinada.

Na segunda parte, «Quais são os aspetos centrais do tema?», examinam-se, em quatro capítulos, os traços principais como é apresentada e recordada nos Evangelhos, entendidos no seu contexto cultural e histórico, o que realmente permite valorizar o alcance do que dela se diz. Recordada pelo seu nome como seguidora e discípula já na Galileia, como testemunha da morte e sepultura de Jesus, também se aborda o tema dos sete demónios de que foi libertada, e que somente Lucas menciona, assim como outra característica lembrada pelo mesmo evangelista: o serviço com os bens.

Na terceira parte, «Questões abertas no debate atual», apresentamos outros aspetos que não foram tão desenvolvidos, e que podem ser mais amplamente discutidos: o seu papel no início da pregação (querigma) comunitária ou o facto de ser recetora de uma aparição do Ressuscitado; a autoridade apostólica e o envio que a aparição fundamenta; e o alcance de todos estes elementos para a consideração da sua

figura. Todos estes aspetos cruciais são muitas vezes ignorados, desvalorizados ou não contemplados.

Na quarta parte, «Para aprofundamento», aborda-se a relevância atual da memória de Maria Madalena e a sua função socioeclesial.

Decidi pôr entre parêntesis alguns termos gregos transcritos porque são importantes e significativos para a interpretação. Por vezes refere-se o nome de autores que fizeram interpretações diferentes da mesma passagem. Considero que possa ser útil para quem ler o livro escutar outras opiniões, ou que talvez as encontrem posteriormente. A sua comparação, mesmo que breve, deseja dar argumentos para cada leitor poder situar-se pessoalmente.